

Estudos Sociais, experiências de ensino e resistências em tempos sombrios: uma conversa com Maria Aparecida de Moraes Silva

Social Studies, teaching experiences and resistance in dark times: a conversation with Maria Aparecida de Moraes Silva

*Comissão Editorial*¹

Maria Aparecida de Moraes Silva é socióloga, graduada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP, Araraquara), com mestrado e doutorado em *Sociologie Du Développement*, desenvolvidos na *Université Paris 1 (Panthéon-Sorbonne)*. É livre-docente pela UNESP (1995). Atualmente é docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

Maria Moraes se notabiliza como uma das principais referências no Brasil no campo dos estudos da Sociologia Rural, contudo, ao longo das próximas páginas não abordaremos diretamente a trajetória intelectual da docente/pesquisadora sobre o mundo rural, nos deteremos aqui sobre o seu “começo”, passando por sua formação na UNESP de Araraquara ao longo do primeiros anos da Ditadura Militar brasileira (1964-1968) a suas experiências em sala de aula como professora da rede pública de ensino médio, boa parte dela na cidade de São Carlos.

Dois pontos atravessam o início da carreira da docente/pesquisadora: o medo derivado das perseguições do regime ditatorial e as resistências desenvolvidas através de táticas que, como nos contou Maria Moraes, tratavam-se das reinvenções que

¹ Entrevista realizada por Bruno César Pereira, Editor-Chefe da Revista *Áskesis*, em 19 de julho de 2023, no escritório da Profa. Dra. Maria Moraes, São Carlos - São Paulo - Brasil.

driblavam e burlavam as estratégias de repressão do regime, mas também a falta do que ela chamou de “recursos audiovisuais”.

Me utilizei no parágrafo acima do par conceitual *estratégia* e *tática* do historiador do cotidiano Michel de Certeau, tais noções são ilustrativas. Se por um lado, Maria nos conta sobre as estratégias, sobretudo aquelas desenvolvidas pelos agentes do regime - militares, com parte e convivência de civis -, buscava-se o controle e imposição de uma forma de ensino, seja pela produção de materiais educacionais acríticos, pela vigilância constante (por oficiais ou paisanas) e perseguição; por outro, a docente também nos narra sobre as táticas, essas, como nos diz Certeau, são a arte do fraco, aquelas que operam “golpe por golpe”, e se utilizam das falhas que as conjunturas vão abrindo na vigilância, “[...] aí vai caçar. Cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É astúcia”². As táticas fizeram parte da trajetória de Maria, seja nas leituras proibidas na biblioteca ao longo de sua graduação, mas também no que ela chamou de um “ensino reflexivo” desenvolvido através de suas aulas sobre clássicos romances da literatura brasileira, as atividades com os jornais aos sábados e as análises sobre as datas festivas da nação.

Como o leitor observará, o que aqui se segue não se trata de uma entrevista, como costumeiramente se dão as entrevistas acadêmicas, com perguntas extremamente elaboradas e respostas, muitas vezes técnicas. O que se apresenta aqui, é um relato de vida, de uma linda trajetória que buscou contestar, construir e permitir que sujeitos que vivenciaram a censura e a perseguição pudessem observar sua história e realidade criticamente.

Agradecemos a Maria Moraes por dividir conosco parte de sua trajetória.

² CERTEAU, Michel. A invenção do cotidiano: Artes de fazer. Petrópolis: Ed. Vozes, 1994, p. 101.



Estudos Sociais, experiências de ensino e resistências em tempos sombrios: uma conversa com Maria Aparecida de Moraes Silva

Diálogos

Editor: Boa tarde, Professora Maria Moraes, obrigado por me receber. Ficamos felizes com o seu contato e interesse em conversar conosco.

Maria Moraes: Eu achei interessante a proposta do dossiê [Escola, Juventudes e o Ensino de Sociologia na contemporaneidade], acho que realmente vale a pena abordar essa questão que, muitas vezes, é esquecida, porque as pessoas ficam mais preocupadas com o ensino nas Universidades; a Sociologia e o curso de Ciências Sociais também formam professores para trabalhar no chamado Ensino Médio e Ensino Fundamental e, assim por diante. E aí eu me lembrei que, talvez, eu pudesse conversar com vocês da Revista para lhes contar um pouco da minha experiência. Fico feliz que tenham se interessado em me ouvir. Muito agradecida.

Bem, vou começar a falar de um tempo anterior. A minha entrada na Universidade foi em 1964, exatamente no ano, no comecinho do golpe; entrei no dia primeiro de março e no final de março foi dado o golpe; você pode imaginar o que foi fazer um curso de Ciências Sociais em um período de Ditadura Militar com perseguição aos estudantes, universitários e aos Professores e Pesquisadores, além de muitas outras pessoas, militantes, operários, trabalhadores.

Entre na UNESP de Araraquara e foi um período muito difícil, não somente para nós, enquanto discentes, mas também para os professores. Eram professores que, ocasionalmente, desapareciam, que não vinham e, depois, recebíamos a notícia de que haviam sido presos, que haviam sido torturados ou, então, que haviam sido exilados, enfim, era uma situação de eterna instabilidade em todos os sentidos. Muito medo, o medo perpassava a sala de aula, perpassava o ambiente estudantil. O medo nos acompanhava em todos os espaços.

Naquela época havia uma organização estudantil bastante expressiva, não somente através da UNE [União Nacional dos Estudantes] como também da União Estadual de Estudantes. A UNESP de Araraquara, então, não era ainda UNESP, era Faculdade de



Estudos Sociais, experiências de ensino e resistências em tempos sombrios: uma conversa com Maria Aparecida de Moraes Silva

Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara e lá havia também o curso de Química, de Odontologia e de Matemática. Araraquara, juntamente com a Engenharia de São Carlos, que ainda não era USP, era chamada Escola de Engenharia de São Carlos, além da Escola de Agronomia de Piracicaba, hoje Esalq [Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz], e Ribeirão Preto, a USP de Ribeirão Preto, principalmente, a Medicina, formavam os centros universitários considerados pela ditadura como centros de *produção de comunistas*, entende? Era um quadrilátero, definido pela Ditadura Militar como espaço prioritário para a repressão, pois estava ali era *um verdadeiro antro de comunistas*. Nós sofriamos perseguição, enquanto estudantes, além dos professores de todos os cursos, tanto é que foi neste período que a Aeronáutica criou em Pirassununga um centro militar. Esse centro em Pirassununga é um desdobramento, digamos assim, da Aeronáutica. E isso aconteceu exatamente com esse objetivo, objetivo de vigiar *os comunistas* que, segundo eles, existiam em todas essas instâncias.

Foi um período bastante difícil, como eu disse, com muito medo. Mas mesmo assim nós [estudantes e docentes] participamos de reuniões fora de Araraquara, eram reuniões trazidas, não somente pela UNE, mas também pela UEE. Mas, apesar desta resistência, nós fomos percebendo que, cada vez mais, nós corríamos muitos riscos, então, até certo ponto o que foi acontecendo, devido a perseguição, foi havendo um desmantelamento do próprio coletivo, da própria união dos estudantes universitários, sobretudo, aqui no estado de São Paulo.

No tocante ao curso de Ciências Sociais, para você ter uma ideia, nós começamos o curso com 30 alunos no primeiro ano, no meio do ano nós éramos seis apenas, e terminamos o curso em cinco. Então aí você já percebe o que significou para nós continuarmos ali naquele ambiente.

Vou relatar um fato, que acho bastante importante para as novas gerações de agora, que foi o seguinte: em 1965, entraram no curso de Ciências Sociais, cinco militares. Alias, quatro militares. E eles iam assistir às aulas fardados, eram todos do Exército, não eram da Polícia Militar, eram do Exército. Então havia Capitão, Tenente e outros. E nós



Estudos Sociais, experiências de ensino e resistências em tempos sombrios: uma conversa com Maria Aparecida de Moraes Silva

sabíamos também que havia uma pessoa informante do SNI [Serviço Nacional de Inteligência] no nosso meio. Sentíamos a vigilância na alma!

As leituras naquele momento, eram feitas na biblioteca, porque as publicações eram muito poucas, e aquelas que haviam, se a ditadura as considerassem como subversivas, evidentemente eram proibidas. Não havia livros e não havia xerox naquele momento, então nós vivíamos na biblioteca. E funcionava assim, à medida que terminava a aula no período da manhã, a gente ia para a biblioteca, e, nesse momento, já percebíamos que estávamos sendo vigiados por esses militares que entraram no curso em 1965.

Assim, acontecia o seguinte: às vezes, retirávamos na prateleira da biblioteca um livro de Marx, por exemplo. Para contornar o medo, fizemos uma parceira, digamos assim, com a bibliotecária, cuja mesa ficava de frente para a porta, para a entrada da biblioteca, de tal modo que ela tinha a visão de quem estava vindo, certo? E quando ela percebia que eles [os militares] estavam vindo, ela batia três vezes com a caneta na mesa para nos avisar. Esse era nosso código, que nos alertava para o perigo iminente. Assim colocávamos imediatamente o livro de Marx na prateleira e pegávamos qualquer outro, simulando uma nova leitura. Eles sempre rodeavam a nossa mesa. Algo que ficou gravado em minha mente foi o dente de ouro de um deles, sempre à mostra por meio de um sorriso sarcástico, sobretudo, quando nos perguntava: o que vocês estão lendo? Isso é apenas um exemplo do que significava estar num curso de Ciências Sociais naquela época do regime autoritário.

Por sorte, nós tivemos excelentes professores. Eu fui aluna de Paul Singer, professor de Economia Política. No entanto, Paul Singer nos deu aula apenas por alguns meses, era um curso anual, mas ele não conseguiu chegar até o final do mesmo. Num determinado dia, ele estava dando aula, quando uma pessoa adentrou a sala e lhe falou algo ao ouvido. Imediatamente, os dois saíram pela janela. O Professor Singer era alguém que já estava a caminho da perseguição e, logo em seguida, fora preso. Na sequência, veio o substituto, Pedro Calil Padis, um professor excelente. Morava em São Paulo. Esse professor também foi perseguido e exilado. Foi para Paris. Quando lá estive para realizar a pós-graduação



Estudos Sociais, experiências de ensino e resistências em tempos sombrios: uma conversa com Maria Aparecida de Moraes Silva

1976), tive a sorte de reencontrá-lo como diretor do IEDES (*Institut d'Études du Développement Économique et Social*), Paris 1. Neste mesmo Instituto, bem mais tarde, trabalhou a professora Isabel [Pauline Hildegard Georges, docente do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar]. Uma grande coincidência, comprovação de que a vida dá muitas voltas.

Uma das disciplinas mais prejudicadas pela ditadura foi Antropologia. Nunca tivemos a continuidade de um programa de antropologia, pois, a cada dois ou três meses, tínhamos um [novo] professor. Logo, desaparecia aquele professor e vinha outro, foi um curso com bastante defasagem; eu sempre ressalto que, as consequências só não foram piores por conta, sobretudo, da professora Heleieth Saffioti. Ela era responsável pela disciplina de Sociologia, mas, ao mesmo tempo, quando acontecia essas situações, ela assumia as outras disciplinas, o que nos deu a oportunidade de terminar o curso no tempo previsto dos quatro anos.

Quando eu terminei o curso, não havia naquele momento, em Araraquara, o bacharelado, então eu fui dar aula no então Ensino Médio. A ditadura havia abolido tanto a Sociologia, quanto a Filosofia, a Geografia e a História. Foi criada a disciplina chamada Estudos Sociais. Então, Estudos Sociais era mais ou menos uma disciplina guarda-chuva, que integrava a Geografia, a História, a Sociologia, a Filosofia, enfim, isso que eles chamaram de Estudos Sociais.

Eu fui contratada (a partir de 1967) a título precário; assim está na minha caderneta de trabalho, não havia concurso, então, todo final de ano era dispensada e, em seguida, contratada novamente; nessa condição, permaneci durante 10 anos. Todo início da minha carreira foi no Ensino Médio proferindo aulas, e eu sempre digo o seguinte: eu aprendi a ser professora no Ensino Médio e, realmente, foi uma experiência muito valiosa para mim, enquanto professora.

Eu trabalhei em Matão e em outra cidadezinha ao lado de Matão, que se chama Dobrada, uma cidade dormitório de trabalhadores rurais. Em 1969, fui contratada a título precário e temporário, no Álvaro Guião em São Carlos. Lá permaneci até 1976, quando fui para a



Estudos Sociais, experiências de ensino e resistências em tempos sombrios: uma conversa com Maria Aparecida de Moraes Silva

França. Trabalhar no Álvaro Guião para mim representou uma ascensão social relevante, comparativamente às escolas anteriores. Foi uma experiência muito rica, mas também no mesmo clima de medo instaurado pela ditadura. No Álvaro Guião, havia naquele momento, dois professores, que nós sabíamos, que eram pertencentes ao SNI.

Éramos obrigados, enquanto professores, a dar as aulas com a porta aberta; o diretor ficava circulando de um lado para o outro no corredor durante o tempo todo para ouvir o que estávamos falando com os alunos. A caderneta de apontamentos era também deixada no escaninho, nós não podíamos levá-la para casa. Na caderneta registrávamos a presença dos alunos e também a matéria que tinha sido lecionada. Não havia livros, havia uma dificuldade muito grande para planejar os conteúdos da matéria, porque a publicação que havia naquele momento era uma publicação, advinda dos meios militares, então jamais passou pela minha cabeça indicar qualquer livro dessa origem para os alunos.

Sobre as aulas, elas eram expositivas, porque não havia recursos audiovisuais, quero dizer, não havia os recursos disponíveis hoje, praticamente nada, havia a lousa e o giz. Eu aprendi a falar pausadamente, para que os alunos tomassem nota. Quanto ao conteúdo das disciplinas, eu fiz o seguinte, eu procurei falar sobre o passado, então eu discorria sobre a história. História Econômica, História Política, baseando-me em Caio Prado Júnior, [Nelson] Werneck Sodré, Celso Furtado, Sérgio Buarque de Holanda, enfim, autores que remetiam ao passado e aí, evidentemente, eu procurava fazer alguma ponte com o momento atual, mas, a minha preocupa o, sobretudo, era despertar nos alunos a capacidade reflexiva, e eu acho que consegui, pelo menos   o que eles me dizem até hoje. Se eu fosse falar criticamente sobre o que estava acontecendo naquele momento, seguramente, eu sofreria puni o, ou persegui o, ou tortura, ou desaparecimento, ou qualquer coisa do g nero.

Outro dado que eu gostaria de falar para vocês era sobre o meu sonho em ter uma biblioteca. Por volta de 1972 ou 1973, eu comecei a comprar livros, os bons livros que começaram a aparecer, e logo veio uma nova onda de persegui o, então, eu queimei



Estudos Sociais, experiências de ensino e resistências em tempos sombrios: uma conversa com Maria Aparecida de Moraes Silva

todos os livros, todos os livros ... Porque o que eles faziam naquele momento era invadir a sua casa, e a primeira coisa que eles procuravam era saber o que você estava lendo, como fazem hoje com o computador, com o celular que eles levam, entendeu [risos]. Naquele momento eram livros, hoje ninguém está levando livros, porque não é mais, digamos assim, a arma do crime, hoje são o computador e o celular, naquele momento era o livro e eu queimei todos os meus livros, isso me dói na alma até hoje, porque eu sabia que se eu tivesse na minha biblioteca aqueles livros, eu poderia pôr em risco a minha vida, a da minha filha, a do meu filho e a do meu marido.

Era sobre isso que eu queria conversar um pouco com vocês, sobre essa experiência e essa dificuldade e lhes dizer o seguinte: a gente precisa se reinventar o tempo todo. Ali [na sala de aula], não é que eu não ensinasse Sociologia o tempo todo, na verdade a Sociologia estava implícita em muitos temas. Ao tratar do passado, da escravidão, por exemplo, eu estava despertando a consciência dos alunos, contribuindo para o processo reflexivo. Por exemplo, a literatura, os romances de José Lins do Rego, do ciclo canavieiro do Nordeste, *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, e tantos outros. Enfim, os alunos liam o romance, cujo conteúdo era sobre o passado, *não era tão perigoso*, o problema era você falar sobre o que estava acontecendo naquele momento, mas ali [a partir dos romances] você podia fazer uma relação com as secas, sobre a situação do camponês, questão da migração, da apropriação das terras, da escravidão, enfim, dava para fazer várias ligações.

Editor: São pontos que envolvem a criação de uma consciência histórica.

Maria Moraes: Isso. O período em que eu passei lecionando, praticamente 10 anos, eu fui me reinventando a cada momento. Por exemplo, estudava Gilberto Freyre, mas, aí era possível também fazer algum comentário crítico. Em um dos vestibulares da USP, foi aprovado um aluno nosso, que hoje é muito conhecido no Instituto de Física, da USP de São Carlos, o professor Vanderlei Bagnato, ele é muito conhecido, suas pesquisas são voltadas para o Raio X. Ele entrou em primeiro lugar na USP, no vestibular. Ele sempre



Estudos Sociais, experiências de ensino e resistências em tempos sombrios: uma conversa com Maria Aparecida de Moraes Silva

me diz que conseguiu o primeiro lugar devido a nota 10 da redação, cujo tema era relacionado ao romance *Vidas Secas*. Em razão de termos discutido em sala de aula este tema, a partir de uma visão sociológica, isso contribuiu para que ele lograsse tal êxito.

Naquele momento, formávamos um grupo de professores recém-formados em universidades públicas, de excelente qualidade. Professores de física, química, letras, todos jovens e com excelente formação. Era possível realizar um trabalho de qualidade. Nossos alunos não precisavam seguir o cursinho, eles entravam aqui na USP, em Ribeirão, vários deles entraram na Medicina de Ribeirão, em Pinheiros, na FEI, na engenharia de São Carlos, na UFSCar e em outras universidades.

Conseguimos muita participação e interesse dos alunos; havia o curso noturno e diurno, eu ministrava 32 aulas por semana, eram milhares de aulas, em muitas salas, 50 alunos em cada sala. Havia muito respeito, havia muita participação em sala de aula; ministrávamos aulas inclusive aos sábados. Aos sábados, por exemplo, eu pedia para que eles levassem jornais, podia ser a Folha ou o Estadão, não interessava qual, eu queria que eles aprendessem a ler jornal, porque não havia internet ou celular. Na primeira página destes jornais, muitas vezes, apareciam receitas de bolo, receita daquilo, receita disso [risos], isso significava que eram trechos submetidos a censura. A minha preocupação era fazer com que eles escolhessem um assunto que havia ali, já pedia na sexta feira, 'olha vocês pegam o jornal da sexta e já deem uma olhada', e aí discutíamos em sala de aula, por exemplo, a Guerra do Vietnã, que foi naquele período, dava para falar sobre imperialismo americano, a situação dos camponeses lá no Vietnã, a história, enfim, dava para falar sobre a História e fazer um contraponto com o que estava acontecendo no presente.

Editor: Foi uma atividade interessante. Há alguns paralelos na experiência da senhora com a realidade do Brasil de alguns anos anteriores, sobretudo, se a gente pensar o projeto do Escola Sem Partido, que coloca o professor em uma função de apenas



Estudos Sociais, experiências de ensino e resistências em tempos sombrios: uma conversa com Maria Aparecida de Moraes Silva

repassar o conteúdo, depositar o conteúdo e não alguém que realize críticas ou que ao menos as estimule.

Maria Moraes: Eu acho que foi exatamente por meio desse processo de reinvenção que eu fui buscando essa saída, porque senão, não teria como ficar, de forma alguma, não teria. Eu sabia, por exemplo, dos dois professores que eram os olheiros da Ditadura e então era aquilo, era o fio da navalha, você tinha que se equilibrar ali. Agora, em virtude da minha formação, que apesar de tudo foi uma excelente formação, eu aprendi isso, essa capacidade reflexiva, que eu acho que é isso que é importante. É isso que você acabou de falar, não basta o conteúdo, mas você precisa despertar essa capacidade reflexiva, a partir do conteúdo, mas não jogar o conteúdo, não é isso. Isso é um exercício que é extremamente importante, não somente para o docente, mas também para o aluno, porque para o aluno talvez seja mais fácil decorar. Eu me lembro de uma professora que veio do Rio [de Janeiro], cujo marido veio para trabalhar na UFSCar, professor de Física e ela também era física e foi trabalhar lá no Álvaro Guião; ela se espantou quando viu as notas de Estudos Sociais, porque geralmente, segundo ela, pela experiência dela, os alunos só tiravam 10 em Estudos Sociais, que não havia reprovação, notas baixas nesta disciplina. Ela, então, queira entender o porquê, então eu me lembro de uma das conversas com ela, proveniente da Exatas, como alguém que não entendia como uma disciplina como aquela, Estudos Sociais, podia reprovar, para ela só reprovava alunos das Ciências Exatas e não das chamadas... nem humanas era não é, qualquer coisa, entende? Eu me lembro, por exemplo, que, algumas vezes, alguns pais iam lá reclamar porque os alunos tiravam notas baixas em Estudos Sociais. Foi isso, foi um aprendizado, o tempo todo buscando alternativas diante do medo e do imprevisto, e também do perigo. Foi isso, estou aqui [risos], acho que meu nome está DOPS, sem dúvida alguma [risos], mas não cheguei a ser presa, pelo menos.

Editor: Esse ensino de decorar é uma prática recorrente em cursinhos, decorar as fórmulas, nomes e datas. As reflexões são deixadas de lado.



Estudos Sociais, experiências de ensino e resistências em tempos sombrios: uma conversa com Maria Aparecida de Moraes Silva

Maria Moares: Eu me lembro que nas datas comemorativas eu aproveitava esses momentos. Por exemplo, Revolução de 1932, em uma daquelas festas, porque eram festas realmente; nessas datas comemorativas, a ditadura exigia que o acontecimento fosse comemorado, e as escolas se preparavam com bandas, fanfarras, desfiles. Quanto à revolução de 1932, por exemplo, eu me lembro que os alunos passaram a ter uma outra visão deste acontecimento histórico.

Um dos informantes da ditadura, dizia-se historiador, embora nunca frequentara qualquer universidade, sempre me criticava pela visão que os alunos tinham da Revolução de 1932, a partir de minhas aulas. Segundo ele, os alunos não valorizavam o heroísmo dos combatentes paulistas. Ao contrário, eles recebiam outro conteúdo referente às questões econômicas, políticas, jogos de poder e, assim por diante. Era aproveitando essas datas celebrativas e o que significavam essas datas para fazer uma análise crítica também.

Editor: Professora, obrigado pelo relato, a senhora gostaria de comentar mais alguma coisa?

Maria Moraes: Esta experiência é importante justamente para, não para estimular as novas gerações, não se trata disso, mas pelo menos para dizer que nem tudo está perdido, certo? Existem esses condicionantes sociais determinantes, mas também existem as ações individuais, e eu acredito muito nessas ações. Às vezes, são ações isoladas, mas que têm uma importância muito grande, quero dizer, você é capaz realmente de, pelo menos, dentro daquele espaço onde você está, de conseguir alguma mudança, alguma transformação. É acreditar um pouco nas pessoas, que acho que é muito importante, e entender os próprios contextos sociais, econômicos e políticos onde elas se inserem que possam ser realmente modificados por ela.

O que significa um ambiente como esse de medo, repressão, onde as liberdades não existiam e aí você, ministrar uma aula a partir de uma orientação crítica, porque era isso,



Estudos Sociais, experiências de ensino e resistências em tempos sombrios: uma conversa com Maria Aparecida de Moraes Silva

eu pelo menos busquei isso o tempo todo na minha vida, não é o político partidário é o crítico, no sentido lato.

Esse foi o meu começo. Penso que ainda continuo com este começo.

Muito grata.